

Editorial

Sérgio Niza

Impossível seria, para nós, esquecer Abril em 1999: o 25 de Abril de 74 da nossa profetizada alegria.

Os construtores de esperança já nos haviam ensinado a esboçar os alicerces dos caminhos de Abril.

Por isso começámos, uma década antes, a trabalhar discretamente o sonho, os passos projectados de um Abril para sempre.

E quando Abril surgiu, tínhamos em comum levantado já este movimento de profissionais de educação – o M.E.M. De 74 a 76 foi a deriva exultante da alegria na liberdade e o tempo diminuto da afirmação do grupo, que amadurecera em projecto na esperança reflectida e crítica dos anos 60.

Em 76 assumíamos a identidade pública: um estatuto, uma organização, um nome para sempre, um poder colectivo partilhado, uma forma cidadã de firmar influência, de questionar a *polis*.

Era o tempo de partilhar com os outros a cultura acumulada para a profissão, para a es-

cola e para a cidade, abertas à democracia que vínhamos desenhando desde os anos empolgantes de 60.

Os 25 anos de Abril que este ano celebramos foram um privilégio da nossa militância pela acção educativa, enquanto bem maior da acção política, e das nossas vidas, assim vividas em fraternal movimento de profissionais educadores.

Quantos, ao longo da História, terão podido, como nós, partilhar com tanta determinação este propósito de construir a profissão construindo a cidadania; construir a escola construindo a democracia; instituir-se como quem, criticamente, se interroga e se confirma, na busca dialógica do contrato social a que chamamos Contrato Educativo.

Aprendemos a fazê-lo num Abril por que ansiámos muito. Há 25 anos que nos batemos pela Educação, pela Profissão de Educar, pela Construção da Cidadania, isto é, pela construção da soberania partilhada, na Educação como na Política.